

## O INCÓMODO VISITANTE

Na isbá baixinha e cambada do guarda-florestal Artiom, sob um ícone grande e escuro, estavam sentados dois homens: o próprio Artiom, mujique tacanho e magricela, com uma cara senil, como que pisada, e barbicha a crescer no pescoço; e um caçador, jovem, alto, de camisa vermelha nova e botas altas de pântano. Estavam sentados no banco corrido, atrás de uma mesinha de três pernas em cima da qual ardia preguiçosamente uma vela de sebo enfiada no gargalo de uma garrafa.

Do lado de fora da janela, no escuro da noite, marulhava aquela ventania que a natureza normalmente faz soprar antes da tempestade. O vento uivava, raivoso, e as árvores arqueavam-se e gemiam dolorosamente. A um dos vidros da janela, partido, tinham colado um papel e ouvia-se o som das folhas arrancadas das árvores batendo contra ele.

— Ouve o que te vou dizer, cristão... — falava Artiom, num meio sussurro de tenorzinho rouco, fitando no caçador uns olhos que não pestanejavam, como que sempre assustados. — Não tenho medo dos lobos nem dos ursos, nem de quaisquer animais, mas tenho medo do homem. Podemos salvar-nos dos animais com uma espingarda ou outra arma, mas do homem malvado não temos salvação.

— É claro! Pode-se atirar contra a fera, mas, se dispararmos contra um bandido, os responsáveis somos nós, condenam-nos à Sibéria.

— Estou aqui nos serviços florestais há quase trinta anos, meu amigo, e tenho sofrido tantas desgraças por culpa de gente má que nem as posso contar. Já passou por minha casa muita gente, um sem-fim de gente. A isbá fica ao lado do caminho, passam muitos transportes, o que quer dizer que qualquer diabo entra aqui. Entra por aqui cada malvado que, sem tirar o chapéu nem se benzer diante do ícone, se atira logo a mim: «Dá cá pão, sua besta!» Onde é que eu lhe arranjo o pão? E com que direito mo pede? Serei algum milionário para dar de comer a cada bêbedo que passa por aqui? E ele, é bom de ver, com os olhos cheios de raiva... São todos uns hereges, esses diabos... Não pensa, dá-me logo um sopapo na orelha: «Dá cá pão!» E eu dou, nada a fazer... Como é que posso lutar com esses diabos? Alguns são espadaúdos, com punhos do tamanho de botas, e eu, como tu vês, tenho este físico. Podem dar cabo de mim com o dedo mindinho... Pois bem, lá lhe dou o pão, o indivíduo empanturra-se, estica-se no meio da isbá, e nem obrigado me diz. Há também quem me pergunte pelo dinheiro: «Onde tens o dinheiro? Responde!» Mas que dinheiro? Onde posso arranjar dinheiro?

— Um guarda-florestal sem dinheiro! — sorriu-se o caçador.  
— Tens o teu ordenado todos os meses e, de certeza, vendes madeira à sorrelfa.

Assustado, Artiom olhou de esguelha para o caçador, com a barbicha a tremelicar como o rabo da pega-azul.

— Ainda és novo de mais para me dizer essas palavras — replicou. — Por essas palavras hás-de responder perante Deus. Donde és tu? Quem são os teus pais?

— Sou de Viázovka. Filho do regedor Nefed.

— Andas a divertir-te com a espingarda... Eu, quando era mais novo, também gostava disso. Pois. Oh, por mal dos nossos

## O Incómodo Visitante

9

pecados! — bocejou Artiom. — Desgraça! Há pouca gente boa, mas facínoras e malvados são aos montes, valha-nos Deus!

— Quer-me parecer que também tens medo de mim...

— Essa agora! Porque havia de ter medo de ti? Eu vejo... e compreendo... Tu entraste, mas não de qualquer maneira, benzeste-te, fizeste uma vénia educada... Eu topo... A ti pode-se servir pãozinho... Sou viúvo, não acendo o fogão, vendi o samovar... não guardo carne ou coisas assim, por pobreza, mas quanto a pão, faz favor.

Nisto, alguém resmungou debaixo do banco, depois ouviu-se um bufo chiado. Artiom estremeceu, encolheu as pernas e olhou interrogativamente para o caçador.

— É o meu cão que está a ofender a tua gata — disse o caçador. — Chiu, seus diabos! — gritou para debaixo do banco. — Quietos! Anda lá que levas uma arrochada! Que magrinha é a tua gata, amigo. Só pele e osso.

— Está velha, não tarda nada a esticar o canelo... Então és de Viázovka, dizes tu?

— Não lhe dás de comer, já vi tudo. Ela é gata, sim, mas é uma criatura viva. Havias de ter mais pena!

— As coisas não vão nada bem lá na vossa Viázovka — continuou Artiom como se não tivesse ouvido o caçador. — Num só ano assaltaram por duas vezes a igreja... Ele há cada anticristo... Isso quer dizer, portanto, que não é só das pessoas que não têm medo, mas também de Deus! Roubar os pertences de Deus! Por coisas dessas, enforcá-los ainda era pouco! Nos tempos antigos, os governadores punham os algozes a castigar os malandros como eles.

— Castigue-se ou não, seja a chicote, seja a metê-los na enxovia, não resulta. Não há nada que arranque o mal de dentro do homem maldoso.

— Valha-nos a Rainha dos Céus! — suspirou o guarda-florestal, com a voz entrecortada. — Salva-nos do inimigo e do facínora. Na semana passada, nos Prados Volóvii, um gadanhei-

ro ceifou outro com a gadanha, no peito... Matou-o! E tudo porquê, Deus do Céu? Saiu um gadanheiro da taberna... com os copos. Vai ao encontro dele outro, também com os copos...

O caçador, que ouvia a história com atenção, estremeceu de repente, esticou o pescoço e ficou à escuta.

— Espera — disse ao guarda. — Parece que estão a gritar...

O caçador e o guarda-florestal, com os olhos fixos na janela escura, puseram-se à escuta. Da floresta vinham sons que um ouvido alerta ouve durante qualquer tempestade, sendo difícil distinguir se eram pessoas a chamar por socorro ou se era a intempérie a chorar na chaminé. Mas o vento bateu no telhado, farfalhou no papel da janela e trouxe um grito distinto: «Acudam!»

— Fale-se no Diabo... — disse o caçador, empalidecendo e levantando-se. — É um assalto!

— Valha-nos Deus! — sussurrou o guarda, ficando também muito pálido e levantando-se.

O caçador olhou em vão para a janela e passeou-se pela isbá.

— Que noite, que noite! — murmurou. — Não se enxerga pevide! É mesmo boa altura para assaltar. Ouviste? Voltou a gritar!

O guarda olhou para o ícone, do ícone para o caçador, e deixou-se cair no banco com o ar de um homem a quem uma notícia inesperada deixa exausto.

— Cristão, amigo! — disse em tom lamurioso. — Vai ao átrio, tranca a porta! E temos também de apagar as luzes!

— Porquê?

— Podem entrar aqui, Deus nos livre... Oh, os meus pecados!

— É preciso ir lá, e tu queres trancar a porta! Onde tens a cabeça? Vamos, eh!

O caçador lançou a espingarda ao ombro e pegou no chapéu.

— Veste-te, pega na tua espingarda! Eh, *Fliorka*, anda! — gritou ao cão. — *Fliorka*!

De baixo do banco saiu um cão de orelhas compridas, roídas nas pontas, mistura de *setter* e rafeiro. Espreguiçou-se aos pés do dono e deu ao rabo.

## O Incómodo Visitante

11

— Porque não te mexes? — gritou o caçador ao guarda. — Não vens?

— Onde?

— Ajudar!

— Eu? Que ajuda eu posso dar? — O guarda-florestal abanou a cabeça e encolheu-se todo. — Eu não vou.

— Porque não queres ir?

— Eu, depois destas conversas assustadoras, não sou capaz de dar um passo na escuridão. Deixa lá a floresta!... Perdi alguma coisa na floresta?

— Tens medo de quê? Não tens espingarda? Por favor, vamos lá! Sozinho, assusta um bocado, mas duas pessoas não! Ouviste? Outra vez a gritarem! Levanta-te!

— O que é que tu pensas, rapaz? — gemeu o guarda. — Achas que eu sou parvo, que vou à procura da minha morte certa?

— Então, não vais, é isso?

O guarda calava-se. O cão deve ter ouvido o grito humano porque ganiu.

— Vais ou não vais?, pergunto eu — berrou o caçador, esbugalhando os olhos de raiva.

— Larga-me, por amor de Deus! — disse o guarda franzindo a cara. — Vai tu!

— Eh... velhaco! — resmungou o caçador, virando-se para a porta. — *Fliorka*, vamos!

Saiu e deixou a porta escancarada. Irrompeu o vento na isbá. A chama da vela cintilou, inquieta, levantou-se por um instante e apagou-se.

Ao trancar a porta, o guarda-florestal viu um relâmpago a iluminar de súbito os charcos do caminho, os pinheiros mais próximos e a figura do homem a afastar-se. Ao longe ribombou um trovão.

— Credo, credo, credo... — sussurrou o guarda, metendo a tranca pesada nas grandes argolas de ferro. — Mas que intempérie Deus nos manda!